



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: RADIOJORNALISMO

DÉBORA SILVA E SOUZA ROCHA
2078178/7

O espaço da descrição no rádio

BRASÍLIA
2010

DÉBORA SILVA E SOUZA ROCHA

O espaço da descrição no rádio

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA
2010

DÉBORA SILVA E SOUZA ROCHA

O espaço da descrição no rádio

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Examinador

Examinador

BRASÍLIA
2010

"Ao abrir a caixa, encontrei algo muito parecido com nossos relógios, com molas e máquinas imperceptíveis. Era um livro; mas um livro milagroso que não tinha folhas, nem letras. Era, em resumo, um livro para ler, mas para o qual os olhos eram inúteis.

Em compensação, se necessitava dos ouvidos. Assim, quando alguém queria ler (...) girava o ponteiro sobre o capítulo que quisesse escutar e, como se saísse da boca de um homem ou de um instrumento de música, saíam desta caixa todos os sons distintos e claros que servem como expressão de linguagem entre os grandes pensadores da Lua. Desta maneira, tereis eternamente ao vosso redor todos os grandes homens, mortos e vivos, que os entretêm de viva voz."

(CYRANO DE BERGERAC, 1657).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o espaço da descrição no texto jornalístico para rádio, visto que a narração pode não contemplar para o ouvinte ambientes e cenários. Durante a pesquisa, além das informações histórias e técnicas sobre o rádio, foram analisadas cinco reportagens veiculadas pela rádio CBN. A análise mostra que a linguagem descritiva é essencial para que a ausência da imagem não prejudique a qualidade da informação.

As reportagens que foram submetidas à análise apresentam vários elementos descritivos que aproximam o ouvinte da realidade, como estado emocional, cenário, situação de momento e características físicas.

Palavras-chave: **Rádio, Linguagem, Descrição, Imagem, Ouvinte**

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 07 |
| 2. SURPRESA AOS OUVIDOS | 10 |
| 2.1. Rádio Nacional | 12 |
| 3. ESTRUTURA DO RÁDIO | 15 |
| 4. O RÁDIO CHEGOU AO FUTURO | 19 |
| 4.1. Interatividade | 20 |
| 4.2. O Rádio Brasileiro na Internet | 21 |
| 5. A LINGUAGEM RADIOFÔNICA | 23 |
| 5.1. Narração e Descrição no Radiojornalismo | 23 |
| 5.2. A Singularidade da Linguagem Radiofônica | 24 |
| 6. ANÁLISE DE CONTEÚDO | 27 |
| 6.1. Profissões Invisíveis – CBN, 2010 | 27 |
| 6.1.1. A falta de educação e a cordialidade com trabalhadores que sofrem com o descaso | 27 |
| 6.2. Profissões Invisíveis - CBN, 2009 | 30 |
| 6.2.1. O cotidiano dos varredores de lixo que atuam na maior cidade do país | 30 |
| 6.3. Profissões Invisíveis - CBN, 2009 | 32 |
| 6.3.1. Repórteres sentem na pele o que os varredores passam diariamente | 32 |
| 6.4. Profissões Invisíveis - CBN, 2009 | 36 |
| 6.4.1. Repórteres vivem uma nova experiência atrás de caminhões recolhendo o lixo na capital paulista | 36 |
| 6.5. Racismo repórteres comprovam preconceito (Eduardo Compan e Leandro Lacerda) - CBN, 2009 | 41 |
| 6.5.1. Repórteres comprovam preconceito em roteiro de lojas da Zona Sul do Rio de Janeiro | 41 |
| 6.6. Tempos de Descrição | 46 |
| 7. CONCLUSÃO | 47 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 49 |
| ANEXOS I; II; III; IV; E V – TRANSCRIÇÕES DOS PROGRAMAS DE RÁDIO | |

1. INTRODUÇÃO

O que vem da pequena caixa disputa com o dia-a-dia agitado, com o sinal de trânsito que não abre, com a criança chorando no quarto ao lado, com o sem-número de informações que olhos e ouvidos recebem. Esta pesquisa mostra como o rádio, com todas as ferramentas que possui, pode ganhar a atenção e inebriar os ouvintes ainda que na nova era digital.

Em um mundo em que a tecnologia avança a galope, o rádio consegue manter-se atual dentro da própria simplicidade. E mesmo vivendo em dias em que as demais mídias oferecem inúmeros recursos audiovisuais, o pequeno aparelho receptor, hoje disseminado em celulares, Ipods e outros dispositivos portáteis modernos, permanece sendo importante veículo de comunicação presente nos lares brasileiros. Diante de tal constatação, surge o interesse da pesquisadora em levar a público esta discussão, ou seja: tentar conhecer um pouco mais da real condição desse tradicional veículo de comunicação e expressão nos dias de hoje.

Para reforçar a importância da pesquisa, basta observar o poder e a influência radiofônica no Brasil. Já em 1996, quando houve o *boom* dos canais de televisão a cabo no país, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontou em 1996 que 88,8% dos domicílios dentro do território nacional possuíam pelo menos um rádio. Ainda de acordo com o IBGE, as regiões rurais e de difícil acesso ainda têm o rádio como único veículo de comunicação. Na Região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, os percentuais ficam entre 70% e 85%, enquanto nos Estados mais ricos do Sul e Sudeste o aparelho está presente em mais de 90% dos domicílios (FERRARETO, 2007, p.18).

Diante desses dados, é no mínimo fascinante constatar que um pequeno objeto às vezes movido a pilha ou bateria pode ainda sobreviver ao lado de veículos de comunicação repletos de recursos tecnológicos de alta complexidade e sofisticação. O rádio, ao contrário de se tornar descartável com o passar do tempo, continuou sendo essencial como emissor de informação e conhecimento.

A pesquisa irá explorar a linguagem radiofônica e identificar como a informação é capaz de ser transmitida de forma pontual e completa, sem nenhum tipo de recurso visual. Na televisão, por exemplo, a linguagem narrativa é suficiente para que o telespectador compreenda o conteúdo transmitido, já que a presença da

imagem associada ao áudio é suficiente para compreensão da notícia. Em veículos de comunicação impressa, como jornais e revistas, a imagem complementa os dados noticiosos. No rádio, devido à ausência de imagem, a linguagem narrativa não é capaz de transmitir com precisão a informação para o ouvinte. Surge assim a importância da linguagem descritiva no rádio.

A presente monografia analisa a linguagem radiofônica em uma série de reportagens em que a descrição ocupa o lugar da narração. O objetivo é mostrar como a informação emitida às escuras pode ser tão completa quanto os demais veículos de comunicação. A linguagem descritiva no rádio é capaz de suprir com sobras a ausência da imagem. E até mesmo, na maioria das vezes, pela velocidade e dinâmica própria, poderá superar a qualidade informativa das notícias transmitidas pela televisão e periódicos.

Esta pesquisa será desenvolvida com base no método de análise de conteúdo. Este método procura avaliar o objeto de estudo a fim de esclarecer ao máximo as informações que serão disponibilizadas ao conhecimento público.

A análise de conteúdo é desenvolvida por meio de três fases: pré-análise, exploração do material e a interpretação dos resultados (LAGO, 2007, p. 89). Por meio da pré-análise e exploração do material, o pesquisador organiza as ideias iniciais da pesquisa, onde são escolhidos os documentos a ser analisados. De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 216), ao selecionar os conteúdos a ser interpretados, o pesquisador distribui as informações em categorias. Com a pesquisa organizada em etapas, considerada como amostragem pelos autores, a compreensão do leitor sobre o estudo torna-se clara e eficiente.

Ainda segundo Laville e Dionne (1999, p. 216), a pesquisa organizada em etapas transmite com precisão as informações que justificam os objetivos da pesquisa.

Lago e Benetti entendem que:

Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesse, ambigüidades ou ideologias presentes nos materiais examinados (2007, p.127).

Após a conclusão das etapas de pré-análise e exploração do material, surge o momento da interpretação dos resultados.

Nesta fase, ocorrem as comparações dos resultados do estudo, em que o pesquisador poderá tratar as informações para que, assim, a pesquisa seja validada. A partir de então, o estudioso estará hábil a interpretar os objetivos da pesquisa e até mesmo apresentar descobertas inesperadas.

Assim, por meio do método da análise de conteúdo, a pesquisa buscará avaliar a linguagem descritiva do rádio por meio de cinco reportagens da emissora CBN, para verificar como se utiliza a descrição para garantir a compreensão do ouvinte, apesar da falta da imagem. Das cinco reportagens, quatro fazem parte da série especial “Profissões invisíveis”, exibida em abril de 2010. A quinta matéria foi ao ar em novembro de 2009, quando dois repórteres da emissora comprovaram o racismo brasileiro no comércio do Rio de Janeiro.

2. SURPRESA AOS OUVIDOS

Sensação de encantamento. Foi assim que os brasileiros descobriram e receberam a radiodifusão sonora em sete de setembro de 1922, durante a comemoração do centenário da Independência na cidade do Rio de Janeiro.

Para a realização do evento, a empresa norte-americana Western Electric colocou em demonstração dois transmissores de 500 watts cada. Assim, por meio de alto-falantes, a população pôde acompanhar o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa. A expectativa do público foi geral, já que a transmissão sonora alcançou diversos pontos da cidade, como o Palácio do Catete e alguns prédios públicos.

Mais tarde, alguns trechos da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, exibida no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, chegaram também aos ouvidos dos moradores de Niterói, Petrópolis e até São Paulo.

Diante da eficaz novidade, o governo brasileiro decidiu adquirir o equipamento. A responsabilidade de iniciar a radiodifusão no Brasil coube a um grupo liderado por Edgard Roquette Pinto, que criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

No início, Roquette Pinto conseguiu autorização para utilizar os transmissores do governo apenas durante uma hora ao dia. Na verdade, esse período concedido pelo Estado estava ocioso, já que os equipamentos eram utilizados apenas para radiotelefonia.

De acordo com Ferrareto (2007), a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era um instrumento de transformação educativa dentro de um período de urbanização do país:

Conferências científicas, música erudita e análise de fatos políticos e econômicos marcam, deste modo, as primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Intelectuais e cientistas estrangeiros em visita ao Brasil falam ao microfone da primeira emissora do país. É o que ocorre quando o físico alemão Albert Einstein vem ao Brasil.

A partir da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, surgem até o final da década de 1930 diversas emissoras espalhadas pelo território nacional.

Até 1931, o governo tinha o poder concessório dos veículos e por isso criou uma rede nacional, que era submetida à vigilância do então Ministério da Educação e Saúde Pública. O Decreto Federal nº 21.111 exigia uma hora diária de um programa de notícias do Estado. Anos depois, esse decreto inspirou a criação do noticiário oficial *Hora do Brasil*.

Quando a publicidade foi regulamentada pelo governo em 1932, os comerciais passaram a ocupar 10% das transmissões. Com a captação dos recursos, as emissoras aproveitavam a oportunidade para reaplicar em programação e garantir a audiência. Ou seja: quanto maior a audiência, maior o interesse dos anunciantes em investir. Segundo Ferrareto (2007), essa fase estimulou um ciclo interminável do ponto de vista capitalista, pela atração dos anunciantes.

Além da publicidade, outro fato foi fundamental para configurar a rádio brasileira como indústria cultural. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, o rádio passa a ter também grande importância política: “Durante meses, as transmissões das emissoras paulistas, em especial da Record, mobilizam a oposição ao governo Vargas. A partir daí, a sociedade toma consciência das possibilidades econômicas e políticas do rádio” (FERRARETO, 2007, p.103).

Por outro lado, Roquette Pinto tanto insistia na idéia de que o rádio deveria ser voltado à difusão cultural até que conseguiu. Em junho de 1931, São Paulo ganhou uma emissora criada para o lucro. Era a Rádio Record, identificada pelo prefixo PRB-9.

Assim Ortriwano lembra o episódio:

A Record adotou um novo modelo de programação, introduzindo o *cast* profissional e exclusivo, com remuneração mensal. A partir daí, começa a corrida e as grandes emissoras contratam a peso de ouro astros populares e orquestras filarmônicas. Essa mudança desencadeou a concorrência entre as emissoras, que imitaram a programação lançada pela Record (1985, p.17).

Assim, na década de 1940, todos os lares brasileiros já tinham pelo menos um aparelho de rádio. Na maioria das casas, o equipamento permanecia ligado durante o dia inteiro, transmitindo à época programação variada, como radionovelas, musicais, noticiosos, humorísticos e programas de auditório.

2.1. Rádio Nacional

No Brasil, a emissora que despontou com maior alcance foi a Rádio Nacional. Durante anos, ela foi o canal exclusivo de informação e formação cultural dos brasileiros. Segundo Aguiar (2007, p.13), a Rádio Nacional foi a Rede Globo das décadas de 1940 e 1950: "... a Rádio Nacional tem sobre a Rede Globo a vantagem do pioneirismo, fruto da contingência histórica de ser o rádio anterior à televisão".

Em 1947, entre as treze emissoras de rádio existentes, a Rádio Nacional faturava 50 milhões de cruzeiros. Para ilustrar o domínio da emissora, a segunda colocada, Rádio Tupi, lucrava praticamente a metade: 24 milhões.

A Rádio Nacional também foi pioneira ao construir uma redação própria para os noticiários, seguindo a linha dos grandes jornais impressos diários.

No começo, cerca de três pessoas transmitiam as notícias do jornal vespertino *A Noite*. Com a constatação da liderança de audiência, foi criada uma divisão de radiojornalismo dentro da emissora, com redatores, repórteres, informantes, seção de esporte e até um boletim de notícias em espanhol, que cobria toda a América do Sul.

O radiojornalismo da Rádio Nacional foi chefiada durante vários anos por Heron Domingues, consagrado como o apresentador do *Repórter Esso*.

Durante quase trinta anos, o *Repórter Esso*, patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo, ficou no ar. A estréia foi em 28 de agosto de 1941, poucos dias antes de o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial.

O programa tinha como marca a credibilidade: "A Rádio Tupi foi a primeira emissora a informar o fim da Segunda Guerra Mundial. Contudo, a população só comemorou quando o então Repórter Esso, Heron Domingues, transmitiu a notícia" (AGUIAR, 2007, p. 115).

A título de curiosidade, foi o *Repórter Esso* que iniciou a técnica da manchete no país, essencial no radiojornalismo atual. Heron Rodrigues também trouxe para o Brasil a linguagem objetiva e rápida para facilitar a compreensão dos ouvintes.

Além de Heron Rodrigues, as vozes de Dalmácio Jordão, Fábio Peres, Ruy Figueira, Lauro Haugemann, Aloísio Campos e Edson de Almeida tornaram-se também conhecidas interpretando as notícias do *Repórter Esso*.

O programa ficou na Rádio Nacional até 1962, quando migrou para a Globo. Nesta emissora, o locutor Roberto Figueiredo leu pela última vez a edição do quadro, após permanecer trinta anos no ar:

E atenção! Durante 27 anos, o Repórter Esso, a testemunha ocular da história, esteve presente aos mais importantes acontecimentos no Brasil e no mundo, entrando no ar, pela primeira vez, em 1941. Assim, nesta sua última transmissão radiofônica, pode o seu Repórter Esso recordar as mais sensacionais informações transmitidas para todo o Brasil e em toda a sua vida, autêntico recorde de manutenção no ar de um programa noticioso (COLLECTOR'S, 1970, cassete).

No entanto, a inovação noticiosa de transmissão ágil e vibrante inaugurada no país pelo *Repórter Esso* foi essencial para fazer com que a radiodifusão sonora, ofuscada temporariamente pela chegada da televisão, voltasse nas décadas seguintes.

Além da Rádio Nacional, outra emissora contribuiu para a implantação do radiojornalismo brasileiro. A Rádio Continental, fundada no Rio de Janeiro em 1948, foi a primeira emissora a ceder mais espaço para a notícia. A Continental introduziu pela primeira vez a reportagem no rádio brasileiro, quando a notícia passou a ser transmitida também diretamente do cenário do acontecimento.

Vários fatores contribuíram para a decadência do rádio na década de 1950, como perda de verbas publicitárias, transferência de profissionais do rádio para a televisão. Na ocasião, o rádio percebeu que era mais do que necessário pensar em uma opção para cativar a audiência que estava rendida pelo apelo da imagem. A solução foi encontrada quando o Brasil descobriu o transistor, uma evolução técnica desenvolvida por três norte-americanos. Os cientistas apresentaram ao mundo a possibilidade de substituir as válvulas, que ocupavam muito espaço, por pequenos dispositivos semicondutores.

Em meados da década de 1950, os novos aparelhos de rádio, que pesavam apenas 375 gramas, começaram a chegar ao Brasil. No entanto, apenas na década de 1960 a novidade conquistou os brasileiros. Isso porque, nesse período, poucas famílias ainda tinham aparelhos de televisão em casa.

Independente do poder aquisitivo da população, a nova tecnologia mostrou que o rádio jamais poderia ser substituído pela televisão, já que o receptor

radiofônico conseguiu sair da sala de visitas da família para o bolso das pessoas. Com isso, o rádio passou a ser um meio de comunicação ao alcance de qualquer um, podendo estar em qualquer lugar, no trabalho, em viagens, no carro. Essa autonomia conseguiu fazer com que o rádio sobrevivesse ao fascínio televisivo.

Na verdade, a tendência da percepção humana é acreditar que o surgimento de um novo meio de comunicação implica o desaparecimento de um já existente (SODRÉ, 1999, p. XV). A televisão sem dúvida revolucionou a comunicação brasileira, mas o rádio continuou sendo essencial para a sociedade:

Aconteceu, certamente, uma diferenciação de tarefas, de acordo com as características dos novos meios de penetração maior e mais rápida do que a imprensa. E isso correspondeu, sem dúvida, a mudanças também significativas no papel da imprensa. Todos os meios, os de massa e a imprensa, trabalham com a informação, no aspecto de notícia, mas operam de maneiras diferentes (SODRÉ, 1999, p. XV).

Era só o começo de uma história de aperfeiçoamento de linguagem, formatos e sentidos.

3. ESTRUTURA DO RÁDIO

O radiojornalismo depende de vários recursos técnicos para ser eficiente. Da apuração dos fatos até a consolidação final da reportagem, todos os processos precisam ser adaptados a um meio de comunicação sonoro.

O texto radiofônico é construído não apenas para assegurar a qualidade da informação, mas também para garantir que o conteúdo escrito esteja adaptado à articulação oral, que poderá estar acompanhada de música e efeitos sonoros.

Além disso, por causa da ausência da imagem, as reportagens elaboradas para o rádio devem ser mais claras e precisas do que os textos para a televisão.

No início do século XXI, os ouvintes brasileiros vão encontrar no rádio três gêneros jornalísticos: informativo, interpretativo e opinativo (FERRARETO, 2007, p.201). O gênero mais utilizado em rádio é o informativo.

O informativo apresenta a notícia de forma concisa, com o mínimo de detalhes possível. O texto sempre se inicia com o fato mais importante da notícia, obedecendo aos critérios da pirâmide invertida. No entanto, a informação que merece destaque maior poderá algumas vezes encerrar a notícia: a notícia no rádio, não é, entretanto, apenas correspondente ao lide da imprensa escrita. Possui características próprias para abertura e desenvolvimento do texto e, no conjunto, deve responder às indagações clássicas do jornalismo (FERRARETO, 2007, p.202).

De modo geral, o repórter de rádio deve ter em mente que está escrevendo uma matéria para ser ouvida. Por isso, a linguagem sempre deverá ser coloquial. No entanto, as regras da língua portuguesa jamais poderão ser abandonadas: “A linguagem, sempre correta, é, entretanto, a da gente comum, são evitadas as palavras pouco usadas, de grafia ou de pronúncia difícil, bem como vocábulos estrangeiros ou estrangeirismos” (FERRARETO, cit MCCANN-ERICKSON, 2007, p.16).

Para que a locução do repórter de rádio tenha qualidade, o texto radiofônico sempre é construído com períodos curtos. Preferencialmente, o texto não deve ultrapassar uma lauda por notícia, a não ser em entrevistas e algumas outras exceções.

Além disso, a ordem das informações precisa ser direta (quem, onde, quando e por que). A primeira linha deve causar impacto, assim a atenção do ouvinte estará garantida.

Os radiojornais analisados nesta monografia começam com a apresentação dos assuntos que serão tratados durante o programa. Geralmente, a leitura é feita com um fundo musical personalizado para a emissora. Para que o ritmo da locução acompanhe a trilha, o texto é construído em forma de manchetes, que nada mais é do que um resumo dos fatos mais importantes da reportagem.

A ordem das manchetes segue de acordo com a importância dos acontecimentos. No entanto, existem emissoras que iniciam a programação com os fatos mais recentes.

Dentro de um radiojornal, as informações precisam ser organizadas. O processo de organização, quando todo o material produzido na redação é selecionado e revisado se chama edição. Apesar da organização e do prévio planejamento, o dinamismo do rádio permite que qualquer informação seja incluída dentro da programação a qualquer momento (BARBEIRO, 2003, p. 52).

Por esse motivo, a edição de um radiojornal só termina pouco antes de sair do ar. No entanto, a estrutura escolhida para o radiojornal pode variar, dependendo da emissora.

Enquanto existe flexibilidade para a estrutura dos radiojornais, a reportagem no rádio é padronizada. As pautas, na maioria das vezes, não são produzidas com marcações de entrevistados e enfoque já definidos pelos editores. Para os repórteres radiofônicos, a pauta é apenas um ponto de partida para o início da apuração.

Até o início da década de 1980, existia nas redações brasileiras a figura do pauteiro, que era designado para definir as pautas. Hoje, essa definição cabe aos editores. A avaliação da pertinência dos assuntos é feita pelo chefe de jornalismo, o cargo de maior hierarquia na redação.

Uma boa pauta contém sempre as principais informações para que o repórter possa realizar o trabalho com qualidade, descrevendo os itens essenciais que os repórteres devem explorar (FERRARETO, p.250).

Segundo o autor:

Um breve resumo do assunto; questões que a reportagem pretende responder; nomes, cargos, telefones, endereços e outras referências básicas disponíveis da fonte; indicação do que já foi feito no caso de suítes; quando necessário, a linha editorial da emissora a respeito do assunto em pauta (FERRARETO, 2007, p. 250).

Segundo Barbeiro (2007, p. 40), “a reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas da rádio jornalística”.

Atualmente, a realidade mostra que, quase sempre, o repórter radiofônico tem de definir o enfoque da matéria e encontrar as fontes a tempo do fechamento da programação.

No entanto, o repórter deve apresentar as informações apuradas ao longo do dia, antes da consolidação definitiva da reportagem (BARBEIRO, 2007). Essas informações que vão ao ar durante o período de construção da reportagem completa são conhecidas como boletim.

Já com o material da reportagem pronto para ir ao ar, entra em cena o profissional responsável pela qualidade sonora do radiojornal. A sonoplastia está para os programas radiofônicos como o esqueleto está para o corpo humano. Os diferentes tipos de som são essenciais para estimular a sensorialidade do ouvinte e garantir a atenção à notícia: “A música e os efeitos sonoros exploram a sugestão, criando imagens na mente das pessoas” (FERRARETO, 2007, p. 286).

As inserções sonoras mais encontradas no radiojornalismo são conhecidas como cortina, vinheta e fundo musical, conhecido também como BG (*background*).

A cortina é um pequeno trecho musical que identifica parte de um programa radiofônico em relação ao todo e é utilizada para marcar o início das participações ao vivo, seções especializadas ou comentários.

A vinheta tem também o papel de sinalizar o início de determinada parte da programação. No entanto, o texto é associado a música para criar uma identificação com a emissora, com um apresentador ou com um programa.

O BG é uma música instrumental com volume mais baixo que o texto lido por um locutor ou apresentador. O som deve ser firme, mas ao mesmo tempo agradável (FERRARETO, 2007, p. 287).

Não há dúvidas que os efeitos sonoros são essenciais para o resultado das programações radiofônicas. Mas nada é mais importante para uma emissora de rádio do que a voz.

Muitos ainda acreditam que, para levar a voz ao microfone, é necessário ter um timbre forte, como era comum na década de 1940.

4. O RÁDIO CHEGOU AO FUTURO

O rádio conseguiu sobreviver à evolução das comunicações e ao avanço da tecnologia. A internet, que trouxe a mais extraordinária via de comunicação para o mundo, será, de acordo com Barbeiro (2003), um dia responsável pelo desaparecimento definitivo do rádio e da televisão como hoje os conhecemos. No entanto, o rádio continuará vivo, independente da caixa sonora, inserido na rede virtual, tornando o alcance das transmissões ilimitado.

O que poderia soar como ficção científica há dez anos hoje já é realidade. As caixas de plástico e as antenas ainda não foram extintas, mas a internet do século XXI já é capaz de transmitir várias programações radiofônicas ao mundo, de forma incomparável:

Assim é a nova via: arrasta para dentro do computador as formas de comunicações conhecidas, que de lá não vão poder sair. É a substituição de um sistema por outro. Obviamente, essa mudança não ocorre de forma abrupta, com ruptura, mas de maneira gradual (BARBEIRO, 2003, p. 34).

A tendência é que o mundo fique cada vez mais interconectado. Com isso, nem haverá espaço para o rádio digital propagado por via eletromagnética: “Nenhuma empresa vai desenvolver uma tecnologia já superada. Isso ocorreu com o rádio AM estéreo, que foi derrotado pela melhor qualidade de som FM” (BARBEIRO, p. 35). Derrotado, mas não extinto.

Apesar de a internet ser uma via de comunicação recente, a ideia de criá-la surgiu quando peritos militares pediram para que especialistas desenvolvessem uma rede de comunicações independente de um núcleo central, que em caso de guerra, por exemplo, poderia ser destruído. Com isso, segundo Barbeiro (2007), surge uma rede de comunicação totalmente fora de controle de quem quer que seja. O rádio, que foi tantas vezes alvo de ataques militares durante o século XX, torna-se inatingível definitivamente.

A internet possibilita também a qualquer pessoa ou entidade conectar-se à rede e construir a própria emissora. Esta nova via de comunicação acaba com qualquer tipo de vantagens entre as rádios, já que estão todas munidas do mesmo tipo de tecnologia:

Caem as fronteiras nacionais e globaliza-se o rádio. Com um simples clic do mouse, é possível ouvir uma rádio de Tóquio, Nova York ou da Rocinha, no Rio de Janeiro. É um mundo novo que se escancara diante do ouvinte-internauta, sem barreiras, sem possibilidade de cerceamento (BARBEIRO; 2003, p.35-6).

É fato que o rádio passou a fazer parte da rede definitivamente. Ao contrário do que muitos imaginavam, não vai desaparecer e sim evoluir. De acordo com Jung (ano), o rádio é o veículo que mais se beneficiou com a internet, porque o alcance das emissoras se tornou ilimitado e o *download* do som ocorre muito mais rápido do que a imagem. Além disso, o internauta não precisa interromper a navegação para ouvir a programação da emissora.

Com a internet, as emissoras podem ser sintonizadas a qualquer momento, em qualquer lugar. Até mesmo no telefone celular, que antes só recebia chamada e agora capta canais de áudio.

Enquanto isso, a internet avança: “Em breve a velha transmissão vai ficar tão arcaica como as ondas curtas que propagavam as rádios nacionais e internacionais. Até mesmo a transmissão via satélite vai sucumbir” (BARBEIRO, 2003, p. 37).

4.1. Interatividade

Além da possibilidade de sintonizar a rádio comunitária em qualquer ponto do globo terrestre, o ouvinte também já interage com as emissoras. É fato que o rádio nasceu interativo, mas a partir da internet a interatividade passa a ser muito mais eficaz. O ouvinte internauta, ao contrário do ouvinte dos anos 1950, consegue influir diretamente na programação da emissora.

Ao mesmo tempo em que ouve a rádio, o ouvinte consegue enviar um email sobre a programação e, instantes depois, a resposta do email é lida no ar: “A entrevista mal começa e já chega a primeira pergunta do ouvinte. O entrevistado escorrega, e vem a crítica. O apresentador se engana, e a correção aparece. E assim, internauta ou ouvinte, conectado à internet, transforma-se em protagonista (JUNG, 2004, p.68).

Na verdade, as emissoras que estiverem na rede não podem ficar limitadas a transmitir apenas programas de áudio. Os ouvintes internautas querem ter acesso também a arquivos, ouvir programas antigos, comunicar-se com os apresentadores

e repórteres da emissora e até mesmo fazer compras. A nova rádio, para permanecer no ar, terá de ir além da programação da emissora, oferecendo ao público uma variedade de serviços de qualidade.

Segundo Barbeiro (2003, p. 38):

Com isso, a rádio perde sua velha vocação auditiva, à medida que agrega arquivos, dados, textos e imagens na programação normal. O novo rádio vai ter que disponibilizar na rede as imagens dos apresentadores e entrevistados e até mesmo dos anúncios veiculados.

Por enquanto, a internet ainda não transformou o rádio em televisão. A linguagem radiofônica continua sendo auditiva. A imagem está disponível na rede, mas só é acessada se o ouvinte internauta desejar.

4.2. O Rádio Brasileiro na Internet

O rádio brasileiro na Internet também já é uma realidade. Desde junho de 1997, a Universo Online (UOL) oferecia aos internautas a possibilidade de acessar duas rádios de São Paulo: a Musical FM, reconhecida como a primeira rádio MPB online e 24 horas, e a Trianon 740 AM, disponível das 06h00 à 0h15. A Trianon apresenta-se como “a emissora de prestação de serviços, sua conexão com a informação”.

O UOL foi responsável pelo primeiro programa de rádio da América Latina criado especialmente para ser veiculado na internet. O *Manguetronic Internet* foi desenvolvido para tornar-se uma atração mensal de música e informação sobre a cultura pop de Pernambuco, no Brasil e no mundo (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999, p. 219).

A Central Brasileira de Notícias, ou simplesmente CBN, inaugurou o primeiro site nacional de net-escuta de notícias em tempo real, tornando possível para “o usuário interagir na programação através de *email*, com sugestões de pauta, comentários e eventuais críticas às reportagens apresentadas” Segundo Del Bianco e Moreira (1999), a tendência atual das emissoras de rádio é operar com endereços próprios. Um exemplo é a BandNews FM, que adota esse formato desde 2005.

A Rádio Senado, inaugurada em janeiro de 1997, também oferece programação variada com atualização diária.

5. A LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Por meio dos sons, as pessoas identificam vários sinais com os quais o receptor cria situações ou imagens. No rádio, a interpretação da linguagem sonora pode suscitar uma série de mensagens paralelas: “Cada ouvinte terá uma percepção distinta do som, dependendo das imagens ou situações previamente registradas” (ORTIZ, 2005, p. 61)

Segundo Ortiz (2005), existem três elementos da linguagem radiofônica que contribuem para essa percepção: música, efeitos sonoros e palavra falada.

A música é a imagem do rádio. Estimula a memória estética e afetiva dos ouvintes. Além disso, pode auxiliar principalmente a interpretação de conteúdos emocionais. Já os efeitos sonoros geralmente são utilizados de maneira descritiva, para ilustrar o texto ou a situação de forma realista (ORTIZ, 2005).

A palavra é crucial no texto radiofônico, pois, na falta de imagem, a voz tem o papel fundamental de proporcionar as pistas suficientes para que o ouvinte seja capaz de criar determinadas imagens mentais (ORTIZ, 2005). Ou seja, a palavra deve conduzir o ouvinte a compreender imediatamente onde o fato ocorre e o momento da ação por meio de um texto narrativo que relate a ordem dos acontecimentos.

Segundo Barbeiro (2003, p. 66-7), um texto radiofônico criativo deve despertar no ouvinte a memória: “E a memória se constrói de imagens, sensações e sentimentos. Assim, o texto deve disparar um processo que remeta, por associação, às memórias do ouvinte”.

5.1. NARRAÇÃO E DESCRIÇÃO NO RADIOJORNALISMO

Para Motta (2004), a narração relata os eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação cronológica. Já a descrição representa um momento único e estático. Na verdade, a narração e a descrição estão sempre mescladas na linguagem radiofônica, principalmente no radiojornalismo. Segundo o autor, é impossível encontrar textos puramente descritivos tanto quanto aqueles exclusivamente narrativos; no entanto, “o discurso jornalístico parece tender para a

narração mais que para a descrição, na medida em que sua forma direta, clara, precisa e concisa cria o efeito de real mais que estimula imaginários” (2004, p. 4).

Na maior parte das vezes, o texto que é escrito para ser falado está repleto de intenções que o jornalista deseja passar para o ouvinte. É o repórter que reconstrói os elementos emocionais e racionais para recriar o fato no imaginário do ouvinte.

Hoje, a linguagem radiofônica não pode mais ser reproduzida da mesma forma que a mesma mensagem escrita. Por isso, os ouvintes do século XXI cada vez mais querem a credibilidade da informação, contanto que seja transmitida por meio de uma linguagem mais natural.

A linguagem no rádio provoca sentidos que estimulam a imaginação. Na verdade, o discurso radiofônico tem relação direta com a emoção:

Eu me lembro que, durante a guerra, o rádio era motivo não só de apreensão, mas também de satisfação para o meu pai. Era por meio do rádio que ele conhecia todas as atrocidades da guerra, mas era também através do rádio que ele se sentia mais vivo porque o mundo estava mais próximo dele (ouvinte, 52 anos, apud PORTO, 2002, p. 567).

Quando estamos longe, bem lá no sertão, é por meio do rádio que ouvimos falar do resto do mundo. Lá, no fim do mundo, nós sabemos que existem outras coisas porque o rádio fala delas (ouvinte, 46 anos, apud PORTO, 2002, p.567)

Os depoimentos acima mostram como o homem pode ter participação ativa diante do rádio. A linguagem radiofônica traz a realidade para perto do ouvinte. “As mensagens radiofônicas possibilitam, por essa via, a identificação de pertencimento a esse mesmo mundo que se revela, dessa forma, próximo e íntimo do sujeito” (PORTO, 2002, p. 567).

5.2.A SINGULARIDADE DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Cada vez mais os ouvintes são apresentados ao rádio como um mundo variado, próximo ao sujeito, unindo cada vez mais grupos diferentes de pessoas.

A relação rádio e ouvinte é firmada por palavras, músicas, silêncio. Somente no rádio é possível traduzir a palavra dita apenas com a modulação do som e na forma de pronunciar a mensagem.

De acordo com Porto:

O dizer inclui sensações que permitem ao outro a formação de imagens e, através delas, a experiência do sentir. “A imagem imaginada” que o ouvinte constrói escutando a emissão provém de simbolizações e não de raciocínios lógicos. A materialidade do discurso a partir de uma voz sem rosto atua de maneira singular sobre a conotação da mensagem (2002, p. 571).

No entanto, as imagens produzidas na mente não podem ser confundidas com as que aparecem na televisão, pois são muito mais requintadas e até econômicas, já que a imagem pode dispensar sensações táteis, olfativas e auditivas sem prejudicar a comunicação. Por outro lado, a eficiência do discurso do rádio é observada exatamente a partir da superação da mensagem sobre a imagem, já que, ao ouvir uma transmissão radiofônica, ninguém fica imaginando o rosto do locutor ou o estúdio onde ele está, ou seja: cada um dos elementos sonoros, como a palavra, a música e até mesmo o silêncio trazem uma bagagem expressiva ilimitada, além de exercer grande poder sugestivo ao ouvinte (BAUMWORCEL, 1999, p. 6).

Só por meio delas será possível fazer com que o “ouvido veja”, como defendeu Walter Ouro Alves, e tornar o rádio a “maior tela do mundo”, como queria Orson Welles. Ou, como escreveu Marshall McLuhan, “um meio visual”. O veículo da emoção e da sedução só vai estimular os sentimentos, causar envolvimento, atrair e chamar a atenção dos ouvintes para que eles “visualizem”, imaginem, o acontecimento, se trouxer em seu discurso uma harmonia sonora composta pela plenitude de elementos de sua linguagem. E assim será possível, como destacou Vigil (2003:37), não só “fazermos os cegos verem, mas fazermos cheirar sem nariz, acariciar sem mãos e saborear a distância” (BAUMWORCEL, 1999, p. 6).

Com isso, percebe-se que os elementos sonoros aparecem inseridos nas mensagens radiofônicas para reforçar ainda mais a credibilidade no radiojornalismo.

No artigo “Sonoridade e resistência, a Rádio Jornal do Brasil na década de 1960”, Baumworcel (1999) analisa um documentário de retrospectiva do ano de 1968. No texto análise constata-se que o som das passeatas estudantis, com gritos e tiros, foi a única forma de comunicação da época que conseguiu burlar a censura para informar as atrocidades cometidas pela ditadura:

Um “contrabando” de informação num momento em que as notícias sobre o movimento estudantil estavam proibidas. O som da rua fez um contraponto ao som do estúdio, que reproduzia, na voz dos locutores do documentário, a versão dos fatos de acordo com o interesse da ditadura militar (BAUMWORCEL, 1999,p.8).

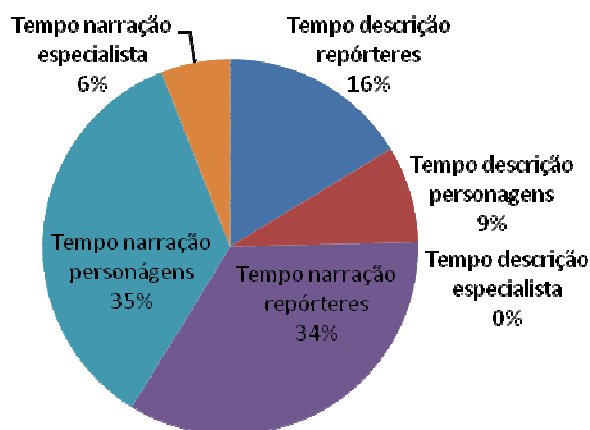
Enfim, seja pela descrição, seja pela simples lógica da narração dos fatos, a linguagem radiofônica deve acima de tudo ser um instrumento de comunicação e expressão. Afinal, onde há expressão, existe emoção. E comunicar-se bem, de forma completa, significa acima de tudo valorizar a emoção presente nos fatos.

6. ANÁLISE DE CONTEUDO

6.1. Profissões Invisíveis - CBN, 2010

6.1.1. A falta de educação e a cordialidade com trabalhadores que sofrem com o descaso

| | |
|---|--------------|
| Número repórteres | 2 |
| Número personagens | 3 |
| Números especialistas | 1 |
| Tempo matéria (descrição e narração) | 04:12 |
| Tempo descrição | 01:02 |
| Tempo narração | 03:10 |
| Tempo descrição repórteres | 00:41 |
| Tempo descrição personagens | 00:21 |
| Tempo descrição especialista | 00:00 |
| Tempo narração repórteres | 01:26 |
| Tempo narração personagens | 01:29 |
| Tempo narração especialista | 00:15 |



A série de reportagens especial da CBN, Profissões Invisíveis, desenvolvida pelos repórteres Juliano Dip e Luciana Marinho trata do descaso da sociedade em relação às profissões mal remuneradas. Neste primeiro capítulo, os jornalistas acompanharam o cotidiano dos entregadores de pizza na cidade de São Paulo.

Para os repórteres da CBN Juliano Dip e Luciana Marinho, a linguagem descritiva foi essencial para familiarizar o ouvinte com a realidade dos personagens da matéria.

Logo na abertura da reportagem, o repórter Juliano Dip já antecipa para o ouvinte, por meio da descrição, a profissão do primeiro personagem, Alexandre Pereira da Silva:

"Mussarela, Calabresa, Napolitana ou Portuguesa"

Devido à ausência da imagem, ainda é impossível saber se o Alexandre é jovem ou mais experiente. Aspectos geográficos e regionais também até o momento são desconhecidos. Entretanto, Juliano mais uma vez utiliza o recurso da descrição para aproximar o ouvinte da realidade do personagem:

"Alexandre Pereira da Silva tem 22 anos de idade e trabalha há quatro anos como entregador de pizza de um restaurante na Zona Sul de São Paulo".

Em seguida, a rotina de Alexandre é descrita pelo jornalista. O trecho abaixo mostra claramente que a aplicação correta da linguagem descritiva substituí a imagem sem prejudicar a compreensão do ouvinte:

"... entre uma entrega e outra é normal se deparar com pessoas que sequer percebem a presença dele, pegam e pagam a pizza ignorando o entregador, como se ela tivesse vindo voando da pizzeria."

Na passagem da história do segundo personagem, o manobrista Márcio Ferreira Lima, Dip também aplica o recurso da descrição para apresentar o cenário da experiência do personagem:

"Há quatro anos ele é manobrista de uma churrascaria na Zona Norte de São Paulo."

O mesmo recurso é utilizado pelo repórter para apresentar o terceiro personagem da matéria, o cobrador Josué da Silva:

"Josué da Silva, por exemplo, trabalha em uma praça de pedágio na Rodovia dos Bandeirantes. A cada carro que passa ele repete as mesmas palavras *boa noite, boa viagem e muito obrigado*...alguns clientes nem esperam o obrigado, pegam o troco, aceleram e seguem viagem."

Enquanto os repórteres da CBN intencionalmente utilizaram o recurso da descrição para aproximar o ouvinte das histórias dos profissionais, os personagens também desenvolveram um discurso descritivo para expor as próprias vivências. Apesar da linguagem descritiva não ter sido empregada de forma consciente pelos personagens, os relatos de indiferença e discriminação presenciados por Alexandre,

Márcio e Josué não poderiam traduzir para o ouvinte a emoção experimentada se não fossem utilizados recursos de descrição.

Trechos descritivos do personagem Alexandre Pereira da Silva:

"Se cumprimenta, a pessoa paga e vai embora,..."

"Se está vindo um carro, ele pára e ele olha...se bater uma moto, ele vai embora."

Trechos descritivos do personagem Márcio Ferreira Lima:

"... O cliente chega, abre a porta. Se cumprimenta, ele desce do carro, muitas vezes desliga o carro, tira a chave e ainda leva a chave e você tem que estar correndo atrás, né?"

Trechos descritivos do personagem Josué da Silva:

"Ela (a pessoa) já sai de São Paulo estressada. Aí ela vai pegar uma rodovia com muito veículo. Ela chega e quer que você atenda muito rápido."

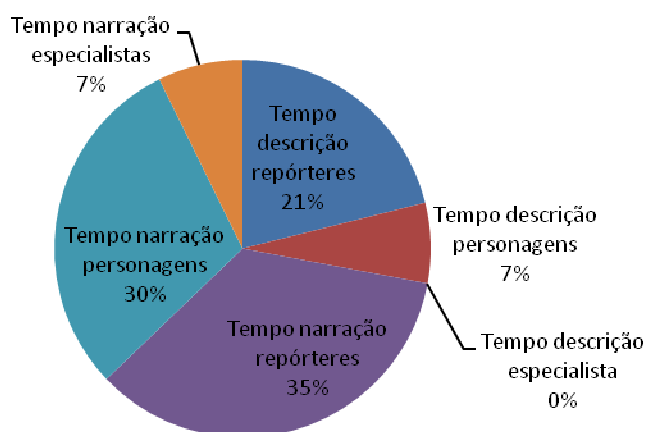
Embora a linguagem descritiva no radiojornalismo seja um recurso enriquecedor para compensar a ausência da imagem e assim, não prejudicar a compreensão e o envolvimento do ouvinte durante a transmissão das histórias, os repórteres Juliano Dip e Luciana Marinho preferiram priorizar a narração para dar seqüência no desenvolvimento dos fatos. Apesar da dinâmica narrativa ter sido aplicada de forma coerente, algumas informações dos personagens foram omitidas por falta do emprego da descrição, como idade (Márcio e Josué), raça e estado emocional. Além disso, algumas características geográficas e regionais também foram descartadas pelos repórteres, como o estado físico dos estabelecimentos onde Alexandre, Márcio e Josué trabalhavam. A situação de momento do cenário dos profissionais também foi abandonada. Não foi informado se os locais tinham movimento e qual o perfil dos clientes criticados pelos personagens.

Caso as informações omitidas fossem aproveitadas na reportagem, o drama da discriminação e da indiferença vivido pelos personagens teriam envolvido o ouvinte de forma mais eficiente.

6.2. Profissões Invisíveis – CBN, 2010

6.2.1. O cotidiano dos varredores de lixo que atuam na maior cidade do país.

| | |
|--------------------------------------|-------|
| Número repórteres | 1 |
| Número personagens | 5 |
| Número especialistas | 1 |
| Tempo matéria (descrição e narração) | 04:21 |
| Tempo descrição | 01:13 |
| Tempo narração | 03:08 |
| Tempo descrição repórteres | 00:55 |
| Tempo descrição personagens | 00:18 |
| Tempo descrição especialista | 00:00 |
| Tempo narração repórteres | 01:31 |
| Tempo narração personagens | 01:18 |
| Tempo narração especialistas | 00:19 |



Neste capítulo da série profissões Invisíveis, os jornalistas acompanharam o cotidiano dos varredores e coletores de lixo de São Paulo.

Logo na abertura, a repórter Luciana Marinho utiliza a linguagem descritiva para informar a situação de momento e da realidade diária do primeiro personagem, o coletor de lixo Robson de Sousa Gomes:

“O relógio marca três e vinte da madrugada, hora que religiosamente o dia começa para Robson de Sousa Gomes, seis vezes na semana. Depois de um banho para despertar, é hora de tomar o café preparado pela mulher, Marili, enquanto os três filhos permanecem dormindo.”

Mesmo não sabendo que a reportagem só seria transmitida em áudio, Robson descreveu o café da manhã para Luciana. Imediatamente, o ouvinte conheceu a rotina alimentar do coletor:

“Café reforçado, né? Cuscuz com leite...”

Luciana Marinho complementa a descrição da rotina de Robson para aproximar o ouvinte ainda mais da realidade da história:

“De uniforme na cor laranja-cenoura, com fitas reflexivas e boné no mesmo tom, mochila nas costas, Robson começa a primeira caminhada do dia, às quatro e meia da manhã, até o ponto de ônibus. Quando desce, é a vez de embarcar num trem na Estação Guaianazes, na Zona Leste, para descer no Tatuapé e de lá entrar em outro trem até a Estação Brás...Mas no trem, ainda espremido na multidão, Robson se sente à vontade.”

Em seguida, o personagem descreveu para a repórter uma experiência de humilhação. O rápido depoimento, com descrições de ação, de localização, de características sócio-econômicas e de situação de momento foi capaz de transmitir ao ouvinte toda a vivência do coletor de lixo, sem qualquer necessidade de recursos de imagem:

“Uma vez aqui na Lapa a gente estava trabalhando, e tinha umas menininhas de faculdade. O caminhão não estava fedendo nem nada e ficaram tampando o nariz e criticando os lixeiros... “ó os lixeiro, ó os lixeiros aí”...”

O último trecho de descrição deste primeiro capítulo da série profissões invisíveis é descrito pela repórter Luciana Marinho. Em apenas 11 segundos, ela consegue apresentar as características físicas, a profissão e o estado emocional do segundo personagem da matéria, o motorista do caminhão de lixo José Florisvando Pereira:

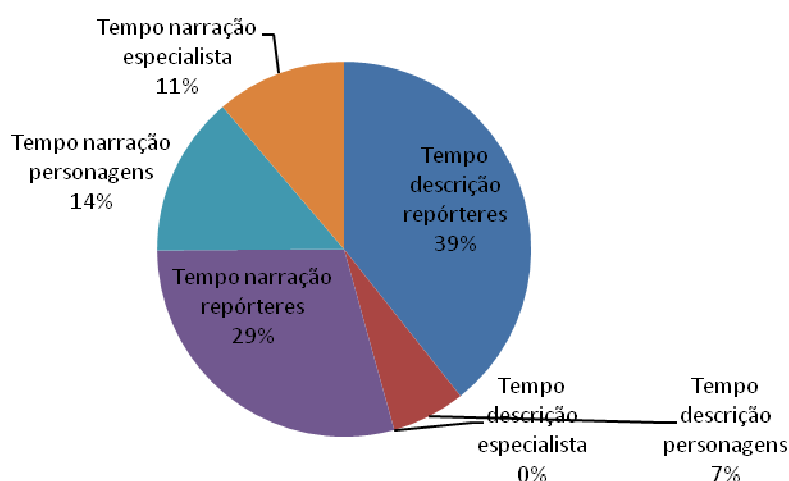
“José Florisvando Pereira é o motorista da equipe. Atende pelo apelido de Xuxa, de uniforme verde que o diferencia dos colegas garis, sempre sorridente,...”

Apesar da excelente apuração da repórter, os recursos descritivos foram descartados antes mesmo do terceiro personagem aparecer na matéria. Mesmo com os discursos narrativos coerentes, os ouvintes ficaram sem conhecer parte da história de três trabalhadores. Caso a descrição tivesse sido empregada para complementar as informações sobre essas pessoas, o resultado final da matéria teria sido muito mais interessante.

6.3. Profissões Invisíveis - CBN, 2010

6.3.1. Repórteres sentem na pele o que os varredores passam diariamente

| | |
|--------------------------------------|-------|
| Número repórteres | 2 |
| Número personagens | 4 |
| Número especialistas | 1 |
| Tempo matéria (descrição e narração) | 04:27 |
| Tempo descrição | 02:02 |
| Tempo narração | 02:25 |
| Tempo descrição repórteres | 01:45 |
| Tempo descrição personagens | 00:17 |
| Tempo descrição especialista | 00:00 |
| Tempo narração repórteres | 01:18 |
| Tempo narração personagens | 00:37 |
| Tempo narração especialista | 00:30 |



Neste capítulo da série Profissões Invisíveis, Juliano Dip e Luciana Marinho vestem uniformes de coletores de lixo e trabalharam como varredores de rua, junto com outros garis.

Juliano Dip introduz a história antecipando ao ouvinte a situação que ele e a colega Luciana Marinho iriam viver. O repórter não deixou que nenhum elemento descritivo fosse descartado, como ação dos jornalistas e personagem, situação de tempo, localização e caracterização:

"Chegamos às sete horas da manhã na sede da empresa responsável pela varrição da Avenida Paulista, na região central de São Paulo. Vestimos os uniformes e, após recebermos as instruções do coordenador da varrição, José Francisco Assis, começamos o serviço, na guia em frente ao Masp."

Abaixo, um trecho onde Luciana Marinho e o primeiro personagem da matéria, o coordenador de varrição, José Francisco Assis interagem. A repórter descreve a situação de momento enquanto José apresenta as instruções do trabalho. Vale destacar que os sons das vassouras em movimento foram adicionadas junto à trilha da reportagem. Dessa forma, a realidade fica ainda mais próxima do ouvinte:

"J.F.A: Vai pela rua, vai com o carrinho beirando na rua .

LM: ... eu estou contra o vento... eu varro e o vento espalha.

J.F.A: Como está ventando, você vai fazer um monte pequeno"

Em seguida, Juliano Dip descreve o clima do cenário ao ouvinte para compensar a ausência da imagem e reforçar o drama dos garis que trabalham sob qualquer condição climática:

"JD: Está começando a chover!"

Durante o desenvolvimento da matéria, os repórteres vão além da apuração. A oportunidade de estarem inseridos em uma situação real fez com que a mensagem fosse descrita não só com a situação real do momento, mas também com o estado emocional de Juliano e Luciana:

"LM: Primeira sensação: nunca percebi que esse trabalho era perigoso. Eu fico o tempo todo olhando os carros na rua, ônibus...

JD: É... o ônibus é sempre um grande problema... A gente caminha pela guia e ele vem muito rente nela, como realmente não tivesse vindo ninguém aqui... Meu Deus...

LM: Gozado, a gente olha pros olhos das pessoas, ninguém olha pra gente... (gritos)... Esse foi um caminhão de lixo, passou e mexeu com a gente. Acho que só eles observam que a gente existe!

JD: Nós já estamos finalizando a primeira quadra. Muitas pessoas passaram do nosso lado... eu olho para as pessoas e elas viram a cara..."

O personagem confirma a angústia dos repórteres utilizando também a linguagem descritiva:

"J.F.A.: As pessoas vêem que a gente está passando com a vassoura... mas elas andam por cima do lixo, ou senão desviam sem olhar na sua cara."

Mais uma vez, surge um exemplo bem aplicado de descrição. Um pedestre aborda Luciana Marinho, que está caracterizada de gari, e pede informação sobre a

localização de uma rua em São Paulo. Depois disso, o colega Juliano Dip descreve ao ouvinte a situação de momento e o estado emocional dos repórteres e de um dos personagens, o varredor Carlos Alberto Leal Silva:

"LM: Nove de Julho? Você desce aqui, vai sempre reto. Tem uma pracinha ali e o senhor continua descendo, tem um viaduto aqui..."

JD: Depois da rápida parada para dar uma informação, o serviço continua e a sensação de desprezo só aumenta. O varredor Carlos Alberto Leal da Silva já está acostumado com o descaso e desrespeito que tanto nos chamam a atenção."

A sequência abaixo descreve claramente o cenário do percurso realizado pelos repórteres. Além disso, o ouvinte também é informado, por meio da descrição, sobre o tipo de material encontrado e a intensidade do envolvimento emocional dos jornalistas diante do descaso da população com o trabalho dos varredores:

"JD: O que mais tem é folha e bituca de cigarro. Tem latões de lixo, as pessoas podiam jogar a bituca ali."

LM: A quantidade de bituca de cigarro jogada no chão, mesmo diante da presença dos garis, irrita nosso repórter, que vestido de varredor, resolve tirar satisfação."

Apesar do diálogo entre Juliano Marinho e a pedestre apresentarem uma característica narrativa, há dois trechos de descrição (negrito) que informam o ouvinte sobre a ação imprudente da transeunte:

"JD: A senhora costuma jogar sempre a bituca no chão?

Pedestre: Mais é na verdade por falta de lugar pra colocar. Você está vendo aqui?

JD: Ali ó... Está vendo ali... **Duas lixeiras aqui na sua frente.**

Pedestre: Mas então, essa lixeira a gente apaga onde? Em cima da lixeira?

JD: **Tem duas lixeiras na frente da senhora**, mas a senhora tá alegando que não tem como apagar o cigarro!

Pedestre: Mas **ele acabou de jogar o cigarro** e se joga aceso lá dentro?

JD: Tem que apagar fora e jogar dentro."

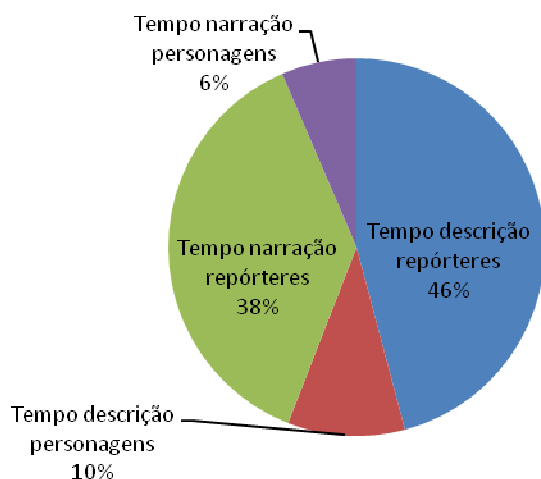
Conforme observado durante a análise, os repórteres aplicaram a linguagem descritiva na maior parte do tempo da matéria. Com isso, o ouvinte ficou bem próximo da experiência dos jornalistas e conseguiu compreender a mensagem da

reportagem, graças a importância que a dupla de jornalistas empregou aos recursos descritivos. Sem dúvida, o objetivo da reportagem foi alcançado, que foi sensibilizar a sociedade sobre as profissões discriminadas.

6.4. Profissões Invisíveis - CBN, 2009

6.4.1. Repórteres vivem uma nova experiência atrás de caminhões recolhendo o lixo na capital paulista

| | |
|--------------------------------------|-------|
| Número repórteres | 2 |
| Número personagens | 8 |
| Tempo matéria (descrição e narração) | 04:39 |
| Tempo descrição | 02:36 |
| Tempo narração | 02:03 |
| Tempo descrição repórteres | 02:08 |
| Tempo descrição personagens | 00:28 |
| Tempo narração repórteres | 01:45 |
| Tempo narração personagens | 00:18 |



A série de reportagens especial da CBN, Profissões Invisíveis, chega ao fim neste quarto capítulo. Após a experiência de varrer as ruas de São Paulo como garis, os repórteres Luciana Marinho e Juliano Dip continuam uniformizados e decidem testar outra atividade: a coleta de lixo.

Luciana Marinho abre a matéria lembrando ao ouvinte sobre a última atividade exercida pela dupla. Em seguida, a repórter descreve o novo cenário, a situação do momento e os elementos presentes na nova tarefa, como os sacos de lixo, por exemplo:

"Depois de uma manhã varrendo ruas da cidade, fomos colher o lixo deixado em portas de casas e prédios e os sacos depositados em calçadas, resultado de varrições pela cidade. As instruções de segurança foram dadas ainda na sede da empresa responsável pela coleta."

Ainda com relação ao trecho acima, o período sublinhado é mais um exemplo de compensação pela falta da imagem. Esta descrição traduz claramente para o ouvinte que se tratava de uma quantidade considerável de material, já que a produção de lixo na cidade de São Paulo é praticamente incalculável.

A reportagem segue com Luciana Marinho descrevendo ao ouvinte os passos seguintes dos jornalistas. Nesta sequência, o ouvinte é informado por meio da descrição que a dupla não estará sozinha nesta etapa. O tempo da atividade, o cenário e, principalmente, a situação emocional dos repórteres também são descritas ao ouvinte:

"Começamos na Mooca, Zona Leste, acompanhados por dois coletores e um motorista. Vinte minutos de corrida atrás do caminhão de coleta de lixo, a primeira conclusão:

JD (Juliano Dip): É muito cansativo...

Depois, uma breve parada em um bar para tomar água.

JD: Bom dia! Tudo bem? ...brigado, hein... por favor.

JD: A mulher deu água sem abrir uma palavra com a gente."

Juliano Dip complementa descrevendo a próxima atividade da coleta. O som do caminhão também é incluído neste trecho, o que garante ainda mais credibilidade à informação. O repórter também descreve o cheiro ruim do local, aproximando o ouvinte ainda mais da realidade:

"JD: Agora vai processar o lixo... (ruído do caminhão). O cheiro é muito ruim."

Os repórteres novamente mudam de cenário. Por isso, Juliano Dip informa ao ouvinte, por meio da descrição, que a dupla continua na tarefa, mas desta vez em outra empresa de coleta. Juliano também descreve que, apesar de estarem em outra equipe de trabalho, a quantidade de lixo a ser colhida continua grande:

"Depois da Zona Leste, fomos com uma outra empresa recolher sacos de lixo deixados pelos varredores da região central de São Paulo, em alguns pontos em grande quantidade."

Luciana Marinho completa a informação do colega descrevendo o próprio estado emocional. Além disso, a repórter descreve o volume de lixo que está prestes a carregar. Pela descrição, o ouvinte capta que a indignação de Luciana é resultado do árduo trabalho da atividade:

"LM: Puxa vida... isso aqui é para eu pegar? Está pesado isso aqui!"

No último capítulo desta série, os jornalistas também deram voz aos principais personagens da história. Um dos trabalhadores é descrito ao ouvinte como um profissional experiente, já que exercia uma atividade similar no passado:

"Marcos Paulo de Freitas Santos era sucateiro e há 3 anos trabalha como coletor."

O coletor conta aos repórteres sobre uma das situações de discriminação vivida por ele. O depoimento é rico em elementos descritivos. Por isso, o ouvinte consegue ficar bem próximo da experiência do personagem:

"MPFS: O pessoal não respeita muito. Às vezes a pessoa joga lixo na sua cara, você está pegando o saco, não cumprimenta. Tem pessoas também que passam e tampam o nariz na sua cara."

Os repórteres aproveitam o depoimento do personagem para descreverem as experiências vividas por eles. O trecho abaixo é uma cena que a imagem poderia enriquecer a informação, já que se trata de uma seqüência de ação e expressão humana. No entanto, a jornalista, por meio da descrição, conseguiu relatar com clareza o próprio estado emocional e também, das pessoas que interagiram com ela:

"LM: Ninguém, ninguém, ninguém olha para gente. As pessoas desviam. Quando vêm o caminhão, com ar assim de incomodados!"

Juliano Dip descreve a próxima etapa da reportagem. Mesmo sem imagens, o ouvinte consegue compreender que a equipe estava em um típico centro urbano, em horário comercial, onde inúmeros pedestres passam diariamente:

"JD: Caminhamos pelos calçadões em meio a centenas de pessoas. Decidimos então cumprimentá-las."

Juliano Dip, ainda no mesmo cenário, apresenta mais um personagem, o coletor Genivaldo Pereira de Barros. O ouvinte também percebe que o trabalhador já era experiente na atividade:

"O coletor Genivaldo Pereira de Barros que trabalhou por muito tempo como porteiro de prédio e esta há quatro anos na coleta de lixo, tem consciência de que as pessoas fingem não vê-lo"

O trecho sublinhado acima insinua para o ouvinte que Genivaldo não é muito jovem.

Genivaldo e o repórter Juliano Dip descrevem a reação das pessoas durante o percurso pelos calçadões de São Paulo:

"GPB: Até que vê... mas só que não presta muito atenção na gente né?

JD: Eu vi que a gente ficou cumprimentando várias pessoas ao longo do caminho dando bom dia e ninguém responde!!!

GPB: Ninguém responde, né? Por incrível que pareça, né?"

Outra integrante da equipe, a varredora Elisângela da Silva Costa, também descreve uma experiência de discriminação. Apesar da personagem não ter tido a intenção de utilizar a linguagem descritiva para facilitar a compreensão do ouvinte, Elisângela atendeu a este objetivo:

"ESC: ... a gente entra em um ambiente com essa roupa, eles ignoram. E se você está de terno, bem-arrumado e bem-vestido, a pessoa vai deixar de atender você pra atender esses cidadãos."

Para comprovar o depoimento de Elisângela, os repórteres decidem procurar com a equipe uniformizada, um restaurante para almoçar na cidade. A decisão é descrita ao ouvinte minuciosamente. A situação de momento, as características da equipe, localização e interação dos repórteres com os personagens estão presentes na informação:

"Depois da jornada de trabalho, ainda com uniformes de gari, fomos procurar um restaurante para almoçar na região da Avenida Paulista. Na primeira tentativa, já na porta chamamos a atenção dos frequentadores e de um garçom, que rapidamente veio até nós e deixou claro que o local estava lotado.

Logo em frente encontramos um restaurante por quilo com algumas mesas vazias..."

Luciana Marinho descreve para o ouvinte a reação dos frequentadores dos restaurantes em que a equipe buscava acolhimento:

"LM: As pessoas ficam tão constrangidas... Elas ficam olhando pra gente!"

A série Profissões Invisíveis chega ao fim. Para encerrar a história, o repórter Juliano Dip descreve precisamente as atitudes discriminatórias dos garçons diante da presença dos jornalistas e da equipe da coleta de lixo. Neste último trecho de

descrição, além das ações dos personagens, o ouvinte é informado sobre a situação de momento (sublinhado):

"Depois de escolhermos uma mesa ao lado de algumas pessoas que já faziam a refeição, o garçom nos convidou a mudar de lugar.

Ao pedir água a nossa repórter chegou a ouvir de uma funcionária que ela não iria buscar o que foi solicitado.

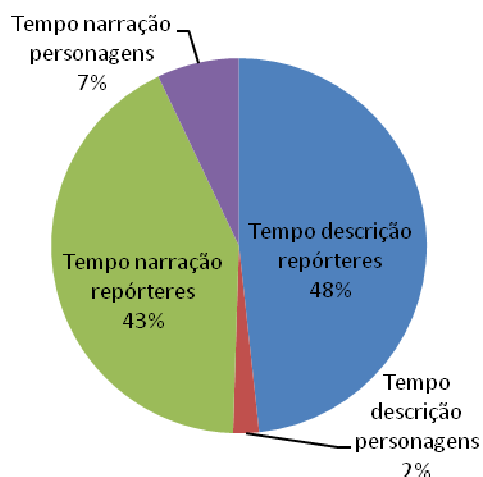
Ao final, na sobremesa, todos os clientes na nossa frente eram servidos por uma funcionária, mas quando chegou a nossa vez ela ficou diante de nós sem oferecer o serviço até que foi indagada."

No último capítulo da série, a linguagem descritiva não foi aproveitada pelos repórteres para complementar as informações dos personagens, como idade e situação emocional durante os depoimentos. Mesmo assim, Luciana Marinho e Juliano Dip, por meio da descrição, conseguiram envolver os ouvintes na história e transmitir com eficiência a realidade dos trabalhadores que são excluídos da nossa sociedade.

6.5. Racismo: repórteres comprovam preconceito (Eduardo Compan e Leandro Lacerda) - CBN, 2009

6.5.1. Repórteres comprovam preconceito em roteiro de lojas da Zona Sul do Rio de Janeiro

| | |
|--------------------------------------|-------|
| Número repórteres | 2 |
| Número personagens | 4 |
| Tempo matéria (descrição e narração) | 08:15 |
| Tempo descrição | 04:10 |
| Tempo narração | 04:05 |
| Tempo descrição repórteres | 03:59 |
| Tempo descrição personagens | 00:11 |
| Tempo narração repórteres | 03:30 |
| Tempo narração personagens | 00:35 |



Os repórteres Eduardo Compan e Leandro Lacerda abrem a matéria utilizando a narração para contextualizar ao ouvinte o objetivo da reportagem. Em seguida, ainda no trecho da contextualização, os jornalistas optam por descrever minuciosamente os detalhes de caracterização física de ambos. Assim, o ouvinte imediatamente pode identificar que se tratava de uma história onde dois homens iriam comprovar o racismo presente em nossa sociedade:

"... estamos na faixa dos 30 anos de idade, temos mais ou menos a mesma altura e, para evitar distorções, combinamos até a roupa: tênis, jeans, camisa polo pra fora da calça e bolsa a tiracolo. Nos bolsos, dois importantes acessórios: um gravador portátil e um cronômetro".

Abaixo, o trecho, apesar de pequeno, mostra quadro situações onde o recurso da descrição foi aproveitado para compensar a ausência da imagem:

Cenário, horário, características físicas do repórter-personagem, além da descrição da ação executada por Leandro Lacerda:

"Primeira parada, uma concessionária de veículos pouco antes das 11 da manhã. A loja está vazia. Leandro, que é negro, vai na frente, circula pelo salão dos carros zero-quilômetro, lê a ficha técnica de cada um dos modelos expostos, segue para a seção de usados e passa pela oficina".

A seguir, o repórter Leandro Lacerda relata as primeiras impressões vividas como personagem utilizando exclusivamente a linguagem descritiva. Neste trecho, seria possível narrar algumas passagens para transmitir as mesmas informações ao ouvinte. No entanto, o jornalista mostrou que quanto mais descritivo o texto, maior a chance da aproximação do ouvinte com a realidade da história:

"Três vendedores estavam sem fazer absolutamente nada, fiz questão de passar mais ou menos entre as mesas para que todos pudessem me ver, visitei todos os carros, olhei o salão e 15 minutos depois acabei indo embora como se nada tivesse acontecido, como eu sequer tivesse entrado. E o curioso é que uma vendedora veio na minha direção, eu achei que ela fosse me dar atenção, mas na verdade ela só estava esperando eu abrir a porta, quando abri a porta ela passou por mim, não falou nada e foi sentar num carro que tava do lado de fora."

O repórter Eduardo Compan complementa a informação do colega também utilizando exclusivamente os recursos da descrição:

"Enquanto Leandro estava na loja, foram 15 minutos de total indiferença dos vendedores."

No mesmo cenário da concessionária em que Leandro Lacerda viveu a experiência de ser discriminado pela cor de pele, o repórter Eduardo Compan entra em cena. A chegada de Eduardo é transmitida ao ouvinte pelo parceiro de pauta. Leandro também compensa a falta da imagem utilizando o recurso da descrição:

"Eduardo que é branco, mas está longe dos padrões nórdicos, tem o mesmo comportamento, chega à concessionária a pé e circula pelo salão de carros novos. Em 58 segundos o vendedor se apresenta, ele então, pede uma indicação de carro pequeno, e é conduzido a um modelo completo com preços a partir de 37 mil reais."

Ainda sobre o trecho acima, o repórter também teve o cuidado de enriquecer ainda mais a descrição das características de Eduardo. Na passagem **"...é branco, mas está longe dos padrões nórdicos"**, fica claro para o ouvinte que a pessoa descrita provavelmente não é loira e nem tem olhos claros. Desta forma, fica evidente a sensibilidade do repórter em aproximar o imaginário do ouvinte o mais próximo possível da realidade.

Nesta reportagem, há um trecho bastante importante que mostra um dos personagens, o vendedor da concessionária, descrevendo as características de um carro para Eduardo. Embora a informação tenha sido transmitida dentro do veículo para o repórter, sem qualquer intenção de substituir imagens, a passagem abaixo funcionou acidentalmente como um recurso descritivo que poderia ser aplicado com eficiência no radiojornalismo.

"É um carro compacto, tem um espaço bom, tem ar, direção, vidro elétrico dianteiro. Vem com um computador de bordo, abertura interna de mala e combustível..."

Leandro encerra o trecho descrevendo a ação do colega diante do assédio do vendedor:

"... Eduardo vai até o veículo e se senta ao volante sempre assessorado pelo vendedor, que passa 13 minutos a sua disposição."

A reportagem segue com Eduardo descrevendo mais uma vez as ações do colega. Nos trechos abaixo, as descrições da caracterização do repórter, cenário e situação de momento surgem novamente, comprovando a preocupação dos jornalistas em manter a compreensão do ouvinte sobre a experiência relatada:

"Uma e meia da tarde, estamos em um shopping e vamos testar o atendimento da seção de informática de uma grande livraria; os computadores custam de três a nove mil reais."

Mais uma vez Leandro vai na frente, demonstra interesse pelos notebooks, usa o teclado, mexe no touch pad e se aproxima da promotora de vendas de uma marca japonesa. Ela é negra, mas nem esboça reação. Dez minutos depois, Leandro sai sem ser atendido, embora, além da promotora, outros dois vendedores estivessem próximos ao setor de informática.

Eduardo segue o script à risca, lê as configurações e compara preços; com um minuto e 21 segundos contados a partir da entrada da loja, é

abordado. A promotora de vendas de uma marca japonesa, aquela mesma que pareceu indiferente à clientela, desta vez destaca o modelo que já vem com a nova edição do Windows."

O roteiro da reportagem muda para agências bancárias onde o ouvinte já reconhece o novo cenário por meio da linguagem descritiva. A descrição dos objetos é mais um exemplo de compensação da ausência da imagem:

"Uma bolsa guarda um *notebook*, chaves, inúmeras moedas e um celular...Fomos fazer um teste em quatro agências localizadas num raio de 50 metros na Rua Voluntários da Pátria, a mais movimentada de Botafogo, bairro de classe média da Zona Sul do Rio.

Uma das agências não tinha porta giratória, entramos direto, sem dificuldades..."

Os jornalistas continuam descrevendo a experiência. Nesta sequência, há 42 segundos interrompidos de descrição. A atenção dos repórteres novamente é minuciosa na descrição das características físicas, da interação entre os repórteres, da situação de momento e do estado emocional dos personagens:

"A porta trava, e Leandro se vê obrigado a tirar da bolsa os equipamentos eletrônicos e as chaves. Estamos perto do meio dia, e o movimento começa a crescer. Outros clientes já aguardam na fila, até que a entrada de Leandro é enfim liberada.

A mesma bolsa muda de mãos. Agora é Eduardo, que é moreno, quem tenta entrar nos bancos, com notebook, celular, baterias, chaves e moedas. Numa das agências não há diferença. Ele precisa deixar os objetos numa caixa ao lado da entrada. Na outra, a funcionária que distribui as senhas está no banheiro, e uma longa fila já se forma.

Acabamos desistindo do teste, mas na terceira agência os objetos metálicos não travam a porta giratória e Eduardo entra sem qualquer constrangimento.

O detector de metais não deu defeito, minutos depois, uma cliente mulata tenta entrar na mesma agência, e ao longe ouvimos o apito... "

No trecho acima, há também o som do apito para aproximar o ouvinte ainda mais da realidade.

Eduardo Compan e Leandro Lacerda seguem na reportagem. A dupla deixa a agência bancária e vai para uma loja de material esportivo. Abaixo, mais uma sequência de descrição detalhada que revela características físicas, interação entre os repórteres, situação de momento e estado emocional dos personagens:

“Um casal está de saída, e pelo menos três vendedores conversam ociosamente. Leandro circula entre as camisas de clubes a 160 reais cada, vai para a seção de tênis, e nada... Dez minutos sem atendimento, embora tenha feito questão de passar ao lado de cada um dos vendedores e evidenciar dúvidas em relação à aquisição dos produtos esportivos.

Já Eduardo entra, olha as camisas de relance e segue para a seção de tênis de corrida. Em 26 segundos uma vendedora se aproxima para falar do sistema de amortecimento do modelo de 400 reais.”

O último cenário explorado pelos colegas Eduardo e Leandro é uma loja de roupas sociais. Nesta última sequência de descrição da interação entre os repórteres e os vendedores, da situação de momento e do estado emocional dos personagens, os jornalistas repetem o esforço de transmitir ao ouvinte a informação mais próxima da realidade:

“Agora vamos a uma loja de roupas sociais. Eduardo entra primeiro e encontra um vendedor solista logo na porta. Ele oferece um terno de lã fria a 700 reais. Eduardo analisa o corte e o tecido, quando entra na loja.

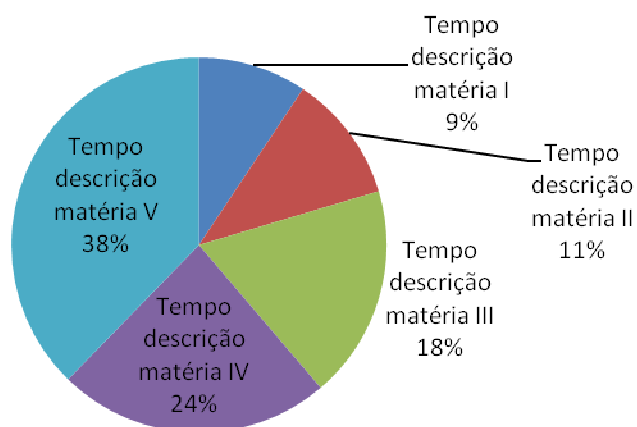
Leandro desta vez não é ignorado, o único vendedor da loja me pede um minuto e vai recebê-lo. Diz a ele que está com outro cliente e o apresenta ao gerente. A sugestão inicial é a mesma: terno de lã fria a 700 reais. Mas logo o gerente mostra para Leandro uma opção mais barata: um modelo de microfibra a menos de 200 reais. Sem saber que Leandro e eu nos conhecemos, o vendedor confia que a oferta de microfibra é para leigos.

Leandro dispensa o terno mais barato, e a abordagem do gerente da loja muda completamente.”

6.6. Tempo Total de Descrição

Os tempos de descrição de cada uma das cinco matérias expostas somam 11 minutos e três segundos, de acordo com o gráfico abaixo:

| | |
|-----------------------------|--------------|
| Tempo descrição matéria I | 01:02 |
| Tempo descrição matéria II | 01:13 |
| Tempo descrição matéria III | 02:02 |
| Tempo descrição matéria IV | 02:36 |
| Tempo descrição matéria V | 04:10 |
| Total | 11:03 |



7. CONCLUSÃO

Após a pesquisa sobre o espaço da descrição no rádio e a análise das cinco reportagens anexas, foi possível mostrar que um texto radiofônico completo e criativo “precisa despertar no ouvinte a memória.” (BARBEIRO, 2003, p. 66)

E despertar a memória significa traduzir para o ouvinte todas as informações que os olhos precisam ver para que a compreensão seja completa. Fazer o ouvinte enxergar com os ouvidos só é possível através da descrição.

Durante o desenvolvimento da análise de conteúdo, foram apresentadas diversas situações onde as informações camufladas pela ausência da imagem surgiram nítidas para o ouvinte.

No primeiro capítulo da série da CBN Profissões Invisíveis, por exemplo, o drama e a cena de humilhação de um personagem não precisaram de imagem para comover qualquer indivíduo que estivesse apenas ouvindo à caixa de som: “... pessoas que sequer percebem a presença dele, pegam e pagam a pizza ignorando o entregador, como se ele tivesse vindo voando da pizzaria.”

Já no segundo capítulo da série, a rotina árdua de um trabalhador foi descrita com tanta sensibilidade pelos repórteres que nem mesmo a cena retratada em imagem teria alcançado com tanta eficácia a atenção do ouvinte: “De uniforme na cor laranja-cenoura, com fitas reflexivas e boné no mesmo tom, mochila nas costas, Robson começa a primeira caminhada do dia, às quatro e meia da manhã, até o ponto de ônibus. Quando desce, é a vez de embarcar num trem na Estação Guaianazes, na Zona Leste, para descer no Tatuapé e de lá entrar em outro trem até a Estação Brás... Mas no trem, ainda espremido na multidão, Robson se sente à vontade.”

Esta pesquisa também apresentou os recursos sonoros como elementos essenciais da linguagem descritiva. Na análise do terceiro capítulo da série, o som das vassouras foi mesclado com a descrição da primeira atividade dos repórteres: “... Vestimos os uniformes e após recebermos as instruções do coordenador da varrição,... começamos o serviço, na guia em frente ao Masp.”

As noções de grandeza também foram analisadas na pesquisa. Uma passagem do último capítulo da série Profissões Invisíveis conseguiu informar o ouvinte sobre a quantidade de lixo que havia na cena, mesmo sem falar em números: “... fomos colher o lixo... resultado de varrições da cidade.”

Na reportagem da CBN sobre Racismo, mais um exemplo de eficiência em compensar a ausência da imagem. O repórter conseguiu estimular o imaginário do ouvinte para assimilar as características físicas do colega: “Eduardo, que é branco, mas está longe dos padrões nórdicos...”

Enfim, a presente monografia procurou mostrar que o discurso radiofônico só é completo e eficiente quando há superação da mensagem sobre a imagem. A palavra, o som e até mesmo o silêncio são capazes de surpreender o ouvinte ao estimular o próprio imaginário sem sequer abrir os olhos.

Como defendem Walter Ouro Alves e Vigil (BAUMWORCEL, cit, 1999, p.6), apenas por meio da descrição será possível sentir cheiro sem nariz, acariciar sem mãos e saborear à distância. Com a riqueza da linguagem descritiva, é possível ultrapassar a obviedade da imagem e assim, transformar o rádio na maior tela do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, RONALDO CONDE. Almanaque da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

AQUINO, MARINA ALIMANDRO. Rádio Digital. Brasília: Uniceub, 2007.

BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1999.

Disponível em: galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17716/1/R0837-1.pdf

BARBEIRO, HERÓDOTO. Manual de radiojornalismo: Produção, Ética e Internet. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BESPALHOK, RESENDE. Elogio à cegueira.: Jornalismo Literário e suas influências na linguagem radiofônica. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2009.

Disponível em: www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1075-1.pdf

CALABRE, LIA. A era do rádio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHANTLEE, PAUL. Fundamentos do Radiojornalismo. São Paulo: Roca, 2007.

CYRO, CÉSAR. Como falar no rádio. São Paulo: Ibrasa, 2002.

DEL BIANCO E MOREIRA. Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

FERRARETO, LUIS ARTUR. Rádio, o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Doravante, 2007.

JUNG, MILTON. Jornalismo de Rádio. São Paulo: Contexto, 2004.

LAGO E BENETTI. Manual de Pesquisa em Jornalismo. São Paulo: Vozes, 2007.

LAVILLE E DIONE. A construção do saber. Manual de Metodologia de Pesquisa em Ciências. São Paulo: Artmed, 1999.

MEDITSCH, EDUARDO. O rádio na era da informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo. Coimbra: Minerva, 1999.

MEDITSCH, EDUARDO. A nova era do rádio: O discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Florianópolis: UFSC, 1997.

Disponível em: bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html

MOTTA, LUIZ GONZAGA. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Brasília: UNB, 2004.

Disponível em: www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9

ORTIZ, MIGUEL ALGEL. Técnicas de Comunicação pelo rádio: A prática radiofônica. Rio de Janeiro: Loyola, 2005.

PORCHAT, MARIA ELISA. Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan. São Paulo: Ática, 1993.

PORTO, SÉRGIO DAYRELL. O jornal, da forma ao sentido. Brasília: UNB, 2002.

PRADO, MAGALY. Produção de rádio, um manual prático. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

SODRÉ, NELSON WERNECK. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.